

Inspirado em discurso de Harold Pinter, Coletivo Comum estreia *Os Grandes Vulcões*

A peça reforça um dos traços mais recorrentes do Coletivo, que é fazer a dupla investigação sobre a realidade social do país e do mundo, e também sobre as possibilidades da arte e do teatro em responder aos perigos da época em que vivemos



Figura 1 – *Os Grandes Vulcões*. Foto de Lienio Medeiros

[Mais fotos neste link](#)

Harold Pinter foi escritor, dramaturgo, ator e diretor, em sua obra constam 29 peças para teatro; 16 esquetes dramáticas; uma peça radiofônica; 27 roteiros de filme, além de textos para a televisão.

O **Coletivo Comum** (antiga Kiwi Companhia de Teatro) inicia no **dia 23 de abril, sexta-feira, 20h**, o espetáculo inédito ***Os Grandes Vulcões***, monólogo inspirado no discurso de **Harold Pinter** (1930 - 2008) - um dos mais importantes dramaturgos do século XX - ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em 2005. Interpretada por **Fernanda Azevedo**, a peça tem roteiro, pesquisa musical e direção geral de **Fernando Kinas**. A exibição, um registro híbrido, entre o teatro e o cinema, acontece pelo [Youtube](#) do grupo. O projeto tem apoio do Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

O espetáculo reforça a linguagem do teatro documental exercitada pelo Coletivo Comum e parte da ideia provocativa de Pinter, que em seu contundente discurso intitulado *Arte*,

verdade e política, propõe uma análise crítica sobre a política externa dos Estados Unidos da América e da Inglaterra, além de discutir a capacidade do teatro em expressar a verdade. Debitado há anos por um câncer, Pinter gravou em vídeo a sua fala, que foi apresentada no evento e gerou grande repercussão internacional, suscitando muitos elogios, mas também críticas de setores sociais conservadores.

O momento em que vivemos, de pós-verdade, ascensão de fake news, pensamento único, polarização ideológica e mentiras sendo reivindicadas como verdades também sustenta o andamento da peça. "Partimos de Harold Pinter, mas construímos um roteiro inédito com a utilização de muitos elementos textuais, musicais e imagéticos. A participação de uma equipe de cinema, dirigida por Thiago B. Mendonça, permite incluir no trabalho um sem-número de informações que estão ausentes do texto de Pinter", diz Fernando Kinas, diretor e dramaturgo.

*Vocês perguntam: e onde estão os lilases?
E a metafísica coberta de papoulas?
E a chuva que muitas vezes golpeava
suas palavras enchendo-as
de buracos e pássaros?*

[...]

*E vocês perguntam: por que os poemas dele
não falam de sonhos e de folhas
e dos grandes vulcões de sua terra natal?*

*Venham e vejam o sangue pelas ruas,
venham e vejam
o sangue pelas ruas,
venham e vejam o sangue
pelas ruas!*

Explico Algumas Coisas, Pablo Neruda

Fernando reforça que a proposta de peça-discurso lembra a peça-conferência *Carta Aberta*, montada pela mesma Companhia em 1998 e apresentada durante 10 anos. *Os Grandes Vulcões* propõe uma reflexão acerca das narrativas e de sua capacidade em expor ou subjugar a verdade. Em tempos de pós-verdade e *fake news*, o bom atrito entre teatro e sociedade pode projetar alguma luz sobre nossa realidade e nossas vidas", complementa.

SOBRE OS ELEMENTOS CÊNICOS

No palco há um globo terrestre ilustrado com um mapa de 1570, o primeiro a fazer parte de um Atlas no mundo ocidental. Além da imagem ser muito adequada ao tema da geopolítica, um dos objetos do trabalho, esta representação do nascente mundo capitalista também traz a imagem de uma interpretação da realidade e o exercício do controle sobre ela. E estes

termos (representação e interpretação) estão diretamente ligados à experiência teatral, outro tema do trabalho. Este mapa é um dos primeiros em que aparece o nome do Brasil, esta mercadoria que, talvez, um dia se transforme em nação.

O mapa foi transformado em um globo com 2,5 metros de diâmetro. "O objeto, além da beleza, tem grande eficiência cênica, porque relembra fisicamente aos espectadores aspectos como as políticas intervencionistas e o processo de globalização", diz o diretor.

Na peça, há uma camada de significação suplementar, porque nublamos conscientemente as fronteiras entre ficção e realidade, transformando a atriz numa figura ambígua que interpreta e comenta, ao mesmo tempo, o escritor britânico Harold Pinter. Figurino, iluminação e objetos de cena contribuem para criar esta atmosfera híbrida entre palestra, peça teatral e discurso político - Fernando Kinas

Uma série de fotografias usadas em cena, associadas ao texto, às imagens de arquivo e ao conjunto da encenação permitem construir uma série de significados sobre operações políticas e midiáticas.

SOBRE A COMPANHIA

A Kiwi Companhia de Teatro surgiu em 1996 e produziu cerca de vinte montagens teatrais. O grupo também realizou leituras dramáticas de autores como Samuel Beckett, Franz Kafka, Hilda Hilst, Elfriede Jelinek, Heiner Müller, Julio Cortázar, Martin Crimp e Plínio Marcos, organizou cursos, oficinas e debates sobre a encenação e a dramaturgia contemporâneas e eventos multiartísticos. A Companhia publica, desde 2013, o caderno de estudos *Contrapelo*.

Um dos objetivos do grupo responde à necessidade de, simultaneamente, fazer e pensar o teatro, contribuindo para a construção de pensamento crítico a respeito da sociedade brasileira. A Companhia é formada por componentes fixos e colaboradores em diversas áreas: Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Daniela Embón, Beatriz Calló, Eduardo Contrera, Luciana Fernandes, Maria Carolina Dressler, Maíra Chasseraux, Liênio Medeiros, Renan Roviada, Clóvis Inocêncio, Julio Dojcsar, Marcia Moon, Madalena Machado, Heloísa Passos, Clébio Ferreira (Dedê), Aline Santini, Luiz Gustavo Cruz, Filipe Vianna, Camila Lisboa e Marina Willer.

Os trabalhos da Companhia, contemplados por inúmeros editais públicos, foram apresentados em diversas cidades do país e participaram de vários festivais e encontros de teatro e performance (Bogotá, Los Angeles, Recife, São José do Rio Preto, Salvador, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, entre outros). O Coletivo Comum, criado em 2018, é a ampliação e a reformulação do grupo, integrando parceiros e parceiras de diferentes horizontes artísticos.

FICHA TÉCNICA

Os Grandes Vulcões

Roteiro, pesquisa musical e direção geral: Fernando Kinas

Elenco: Fernanda Azevedo

Assistência de direção e de produção: Beatriz Calló

Cenário: Julio Dojcsar

Figurino: Madalena Machado (camiseta: o grupo)

Direção e edição de vídeo: Thiago B. Mendonça

Produção de vídeo: Renata Jardim

Fotografia de vídeo: Gabriel Ranzani

Som direto: Rafael Gonzaga Cunha

Iluminação: Clébio Ferreira

Assistência de iluminação: Gabriele Souza Cabelo: Christian Mourelhe

Programação visual: Camila Lisboa

Fotos de divulgação: Lienio Medeiros

Fotos still: André Murrer

Produção: Daniela Embón

Assessoria de imprensa: Márcia Marques - Canal aberto

Realização: Kiwi Companhia de Teatro/Coletivo Comum

As gravações deste trabalho foram realizadas no Galpão do Folias, na cidade de São Paulo, entre 08 e 12 de abril de 2021.

Redes Sociais:

www.kiwiciadeteatro.com.br

www.instagram.com/coletivocomum

www.vimeo.com/coletivocomum

Contatos:

Daniela Embón (produção): 11 98706 7471

Beatriz Calló (produção e assistência de direção) 11 99223 3483

TEATRO



Fernanda Azevedo
vocaliza o dramaturgo
Harold Pinter

Uma aula de história

A COMPANHIA TEATRAL COLETIVO COMUM APRESENTA MONTAGEM QUE DESCONSTRÓI FATOS TIDOS COMO VERDADEIROS

O que é verdadeiro, o que é falso, questiona o ator, diretor, poeta, roteirista e dramaturgo inglês Harold Pinter, para ele próprio responder: “A verdade na dramaturgia é sempre fugaz”. A declaração integra o discurso de Pinter ao receber o Prêmio Nobel de Literatura de 2005 e também na peça *Os Grandes Vulcões*. Autêntica aula de história, a montagem do Coletivo Comum propõe um sofisticado jogo de questionamentos e reflexões sobre fatos contemporâneos para provocar a plateia a buscar “a verdade real de nossas vidas e de nossas sociedades”.

Gravado no Galpão do Folias entre 8 e 12 de abril, o espetáculo se autointitula

videoteatro e é um registro que mescla teatro e cinema. As próximas apresentações, dias 15 e 21 de maio, ocorrem no Espaço Cultural Al Janhia e na Unifesp (confira as datas nas redes sociais da companhia).

No palco, Fernanda Azevedo assume-se como “atriz” e, ao mesmo tempo, “Harold Pinter”, iniciando a provocação presente no discurso do laureado: até que ponto o teatro pode representar a verdade? O roteiro segue a declaração de Pinter, mas não deixa de fazer cirúrgicas intervenções a partir de fatos que rondam a América Latina e o Brasil, em especial.

O texto original pontua temas da geopolítica mundial, partindo de uma constatação irrefutável: depois da Segunda Grande Guerra, a política externa dos Estados Unidos tem sido pouco escrutinada, apesar dos pesares. O mundo aplaude os norte-americanos que invadem outros países e impõem ou engendram ditaduras de direita mundo afora. Nicarágua, Indonésia, Grécia, Uruguai, Brasil, Paraguai, Haiti, Turquia, Filipinas, Guatemala, El Salvador e Chile servem de exemplo. E, claro, com aceitação de países amigos ou submissos, como o Reino Unido, pontua Pinter.

A atriz **Fernanda Azevedo** narra esse texto apoiada por uma lousa de vidro e um globo terrestre de 2,5 metros de diâmetro, contendo um mapa de 1570, nomeado de *Theatrum Orbis Terrarum*, o primeiro a representar o mundo todo, de polo a polo. Com roteiro, pesquisa musical e direção geral de Fernando Kinas, a montagem faz um ligeiro passeio pelo teatro documental e traz acréscimos de textos, músicas e imagens que avolumam o discurso de Pinter. Há desde canções como *Je T'aime... Moi Non Plus*, de Serge Gainsbourg, a *Comentários a Respeito de John*, de Belchior, e cenas de filmes como *Rambo III*, *Bang Bang*, de Andrea Tonacci, e *Terra em Transe*, de Glauber Rocha.

O Coletivo Comum foi criado em 2018, a partir da reformulação da Kiwi Companhia de Teatro, que encenou textos de Samuel Beckett a Plínio Marcos. A peça *Os Grandes Vulcões*, cujo nome é uma remissão a um poema de Pablo Neruda, também trata de temas do momento, como a desinformação e a pós-verdade. Em uma internet que ajuda a perpetuar a ló-

gica capitalista como sendo a única possível, bem faria o grupo se abrisse esse vídeo e sonhássemos que ele viralizasse. Seria uma potente aula aberta de história.

- Eduardo Nunomura

OS GRANDES VULCÕES.
Com o Coletivo Comum. No facebook.com/coletivocomum, dias 15 e 21 de maio.

24.abr.2021 às 18h56

‘Os Grandes Vulcões’: Duplipensares de Harold Pinter



Lenise Pinheiro

Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

quarta-feira, 28 de abril de 2021

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DOS VULCÕES

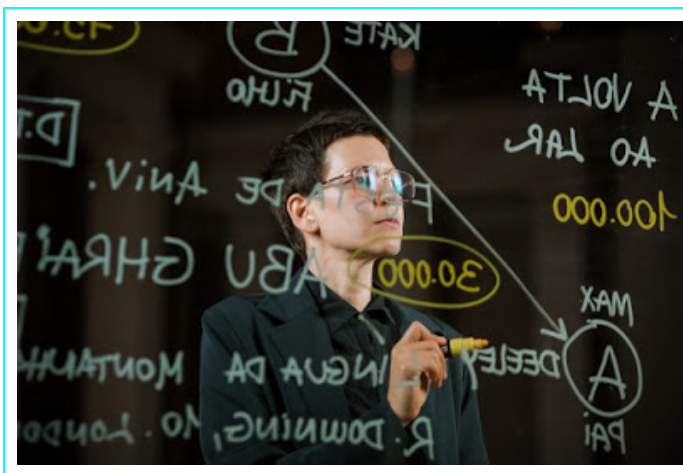


Foto de Lienio Medeiros

A *Kiwi Companhia de Teatro* mudou seu nome para outro que está mais de acordo com seu pensamento político-ideológico: agora denomina-se *Coletivo Comum*.

O grupo formado por Fernanda Azevedo, Beatriz Calló, Daniela Embón e Fernando Kinas está de volta com *Os Grandes Vulcões*, espetáculo batizado por eles de vídeo teatro, pois mescla de maneira extremamente harmoniosa as linguagens teatral e audiovisual.

A peça tem a mesma estrutura de *Material Bond* que o grupo montou em 2017 a partir da obra de Edward Bond. Agora a referência é o discurso que o também dramaturgo inglês Harold Pinter (1930-2008) fez ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em 2005; discurso virulento denunciando a política externa dos Estados Unidos com a colaboração, ou no mínimo, a aquiescência, da Grã Bretanha. Engenhosamente a peça fala também do discurso (de certa forma, também virulento) que a atriz Fernanda Azevedo proferiu ao receber o Prêmio Shell como melhor atriz de 2013. A sagaz dramaturgia coloca a atriz em cena como Harold Pinter e como ela mesma, desta vez uma personagem.

Por falar em engenhosidade da encenação de Fernando Kinas, louvem-se as inserções de imagens e a trilha sonora que

Páginas

MATÉRIAS - TEATRO

MEMÓRIA DO TEATRO PAULISTANO

NOTAS - TEATRO

CINEMA

MÚSICA

Quem sou eu



José Cetra

Mestre em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Membro da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Espectador assíduo de teatro e cinema.

[Visualizar meu perfil completo](#)

Pesquisar este blog

Marcadores

- ÇA IRA (1)

'S WONDERFUL (1)

(IN)JUSTIÇA (1)

(Selvagens) Homem de Olhos Tristes (1)

100 MEMÓRIAS (1)

1789 – THÉÂTRE DU SOLEIL (1)

26 ANOS SEM TOM JOBIM (1)

27'S (VINTE SETES) (1)

2ª Feira Paulista Antropofágica de Opinião (1)

comentam a ação e criam um benéfico efeito de distanciamento que faz com que o espectador reflita sobre o que está vendo durante o próprio ato da recepção.

O título da peça faz referência a um poema de Pablo Neruda que dialoga com aquele de Bertolt Brecht que diz *“Que tempo é este em que uma conversa sobre árvores chega a ser uma falta, pois implica em silenciar sobre tantos crimes?”*. Pois é, Fernanda e Fernando põem mais uma vez a mão na ferida denunciando e explicitando as mazelas em que este país se chafurdou, fazem isso, porém, com leveza e bom humor o que torna a denúncia ainda mais potente.

A interpretação de Fernanda Azevedo é impecável, transitando harmoniosamente entre as personagens, mas dificilmente será indicada como melhor atriz para determinado prêmio de teatro.

Colaboram para o sucesso da empreitada o belo cenário de Julio Dojscar onde um globo terrestre ilustra temas tratados na peça, a iluminação de Clébio Ferreira e a importantíssima direção de vídeo de Thiago B. Mendonça.

O final da peça com a atriz se desenvolvendo das personagens e abandonando o teatro é belíssimo e dão um significativo ponto final ao trabalho de estreia do Coletivo Comum, ao qual desejo longa vida.

GRANDES VULCÕES faz sua última apresentação HOJE, DIA 28 às 20h. CORRA PARA ASSISTIR.

Transmissão pelos canais do Coletivo no Facebook e no YouTube:

www.facebook.com/coletivocomum

www.youtube.com.br/kiwicompanhiadeteatrocoletivocomum

28/04/2021

Postado por José Cetra às [09:31](#)

Marcadores: [PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DOS VULCÕES](#)

Nenhum comentário:

Postar um comentário

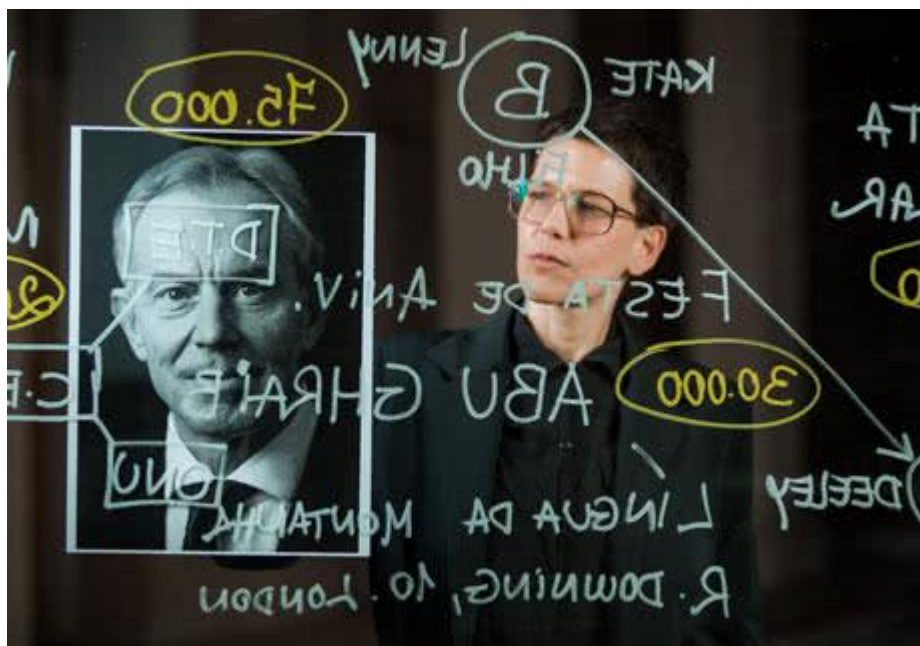
31º PRÊMIO SHELL (1)
32º PRÊMIO SHELL (1)
33 VARIÇÕES/CARTOLA/HOJE É DIA DE MARIA/ESPERANDO GODOT (1)
4ª MITsp – BALANÇO (1)
4ª MITsp- ABERTURA (1)
57 Minutos – o tempo que dura esta peça (1)
A arte alimentando a alma - Julho 2014 (1)
A Arte da Comédia (1)
A ARTE DE ENCARAR O MEDO (1)
A BANHEIRA (1)
A CANTORA CARECA (1)
A CATÁSTROFE DO SUCESSO (1)
A CIDADE DOS RIOS INVISÍVEIS (1)
A COMÉDIA DOS ERROS (1)
A Dama do Mar (1)
A DESUMANIZAÇÃO (1)
A DRAMATURGIA BRASILEIRA NOS PALCOS PAULISTANOS EM 2017 (1)
A DRAMATURGIA BRASILEIRA NOS PALCOS PAULISTANOS EM 2018 (1)
A DRAMATURGIA BRASILEIRA NOS PALCOS PAULISTANOS EM 2019 (1)
A DRAMATURGIA BRASILEIRA NOS PALCOS PAULISTANOS EM 2020 (1)
A ERA DE AQUÁRIO (1)
A GAIOLA (1)
A GAIVOTA - HOMENAGEM AO CHICO MEDEIROS (1)
A GENEALOGIA CELESTE DE UMA DANÇA (1)
A GOLONDRINA (1)
A GUERRA NÃO TEM ROSTO

Crítica: Os Grandes Vulcões, direção Fernando Kinas

Por **Celso Faria** - 7 de maio de 2021

A boa sobreposição entre realidade e não-ficção está presente em **Os Grandes Vulcões**, monólogo com [Fernanda Azevedo](#). Num híbrido entre teatro, cinema e palestra, [Fernando Kinas](#) toma partido do discurso do escritor [Harold Pinter](#) (1930 – 2008) para criar sua dramaturgia forte, dura e esclarecedora.

Pinter foi um dos expoentes do teatro do absurdo, influenciado por [Samuel Beckett](#) (1906-1989), tendo como ponto de atenção as impossibilidades de comunicação da sociedade inglesa. Em 2005, o dramaturgo gravou um discurso ao receber o prêmio Nobel de Literatura e o intitulou de **Arte, Verdade E Política**.



Os Grandes Vulcões – Foto: Liênio Medeiros

A conferência propôs analisar a verdade no teatro para desembocar na política internacional protagonizada por Bush e Blair. Sendo tal prelúdio um assunto caríssimo e na ordem do dia nestes tempos de tantas *fakenews* e de



guerras de narrativas. E a partir daí, que Kinas fratura os limites entre fingimento e realidade, próprios do teatro documentário, para construir um relato que se mistura com o discurso, desta vez de Azevedo, ao vencer o **Prêmio Shell de Melhor Atriz**, em 2013.

São diferentes camadas e questões trazidas nas exposições, justapostas em imagens do cinema e na trilha – também assinadas por Kinas. A contundência dos relatos ganha dramaticidade na concentração de Azevedo em cena, num perfeito reconhecimento de cada fala, apontamento e fatalidade.

Assim, mesmo sendo um texto extremamente denso, graças a direção e a interpretação a montagem escapa do que Pinter considerava assim: *“Sermões tem que ser evitados a qualquer custo. A objetividade é essencial. Os personagens precisam respirar o próprio ar”*. Portanto, felizmente sai-se do discurso engajado e, às vezes, proselitista demais, já que essa seria uma das possíveis fragilidades de **Os Grandes Vulcões**.

A estética também híbrida apoia-se no cenário de [Julio Dojcsar](#) e no figurino de [Madalena Machado](#). Então, uma lousa de vidro e um grande globo terrestre vão destacando dados, informações e lugares. Enquanto fotos de autoridades mundiais e brasileiras arrematam a dramaturgia e trazem ironia.

Por fim, **Os Grandes Vulcões** ocupa-se de verdades, mentiras e, o que alguns filósofos resolveram chamar atualmente, de pós-verdade. Mesmo lá no discurso de Pinter, em 2005, antes mesmo de falarmos em bolhas, pois os algoritmos e as notícias em redes sociais ainda eram embrionários, percebe-se como a manipulação de informações, tornando-as visíveis ou não, é um mecanismo de poder.

Com certeza Pinter não imaginava no imbróglio que o mundo das *fakenews* e dos blogueiros do ódio iria tornar-se. Por isso, fique atento às próximas transmissões do **Coletivo Comum**, pois a montagem é um saudável



exercício de validação da necessidade urgente de buscar a verdade. Afinal, *“se essa vontade não estiver incorporada na nossa visão política, não tenhamos esperança de restaurar aquilo que já quase se perdeu para nós: a dignidade do homem”*. Palavras finais do discurso de Pinter!

Aguarde novas temporadas pelo site do [Coletivo Comum](#).

FICHA TÉCNICA

Roteiro, pesquisa musical e direção geral: Fernando Kinas

Elenco: Fernanda Azevedo

Assistência de direção e de produção: Beatriz Calló

Cenário: Julio Dojcsar

Figurino: Madalena Machado (camiseta: o grupo)

Direção e edição de vídeo: Thiago B. Mendonça

Produção de vídeo: Renata Jardim

Fotografia de vídeo: Gabriel Ranzani

Som: Rafael Gonzaga Cunha

Iluminação: Clébio Ferreira

Assistência de iluminação: Gabriele Souza

Cabelo: Christian Mourelhe

Programação visual: Camila Lisboa

Fotos de divulgação: Liênio Medeiros

Produção: Daniela Embón

Celso Faria

<http://www.urbanidade.blog.br>

Idealizador e produtor de conteúdo do Canal e-Urbanidade e o Podcast Rolê Urbano.
Mestre em Educação. Especialista em "Mídia, Informação e Cultura" CELACC - ECA/USP,
tendo seu trabalho final "A crítica teatral paulistana em tempos de likes".



Coletivo Comum promove erupção da necropolítica ao mergulhar no teatro documental digital em ótima peça



PUBLICADO HÁ UM DIA
POR BRUNO CAVALCANTI

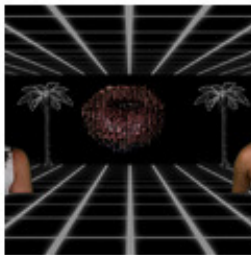


Os Grandes Vulcões | Foto: Liênio Medeiros

gostou?
partilhe!



ÚLTIMAS



Grupo vencedor do Shell estreia online experimento em que pensa futuro do Brasil com Nordeste excluído do mapa



Thiago Mendonça vive robô responsável por dar ordens à plateia em peça sem elenco